

## **O PROBLEMA DA TRANSLOCAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL MENCIONADO EM ÉMILE BENVENISTE NO AUGE DO ESTATUTO DA ENUNCIÇÃO**

### ***THE PROBLEM OF SPATIAL AND TEMPORAL TRANSLOCATION MENTIONED IN ÉMILE BENVENISTE AT THE HEIGHT OF THE STATUTE OF ENUNCIATION***

Caio César Costa Santos  
Mestre em Letras  
Universidade Federal de Sergipe  
(caio-costa@live.com)

**RESUMO:** O artigo busca refletir sobre o processo de translocação espaço-temporal mencionado em Émile Benveniste no auge do estatuto da enunciação. Benveniste (1989) é o único linguista que esteve atrelado à imersão do sujeito no chamado aparelho formal da enunciação. Saussure (2012), em 1916, não fez parte da construção epistêmica do aparelho formal da linguagem. Nosso estudo está contido na ideia de que o sistema linguístico, representado pelo aparelho formal da linguagem, contém uma dimensão temporal complexa secundária, a saber, o passado aoristo. Quando Benveniste (1989), em Problemas de Linguística Geral II, supôs uma “translocação” para os fatos de linguagem, ele percebeu que a imagem do eu é dividida, contrariada e disseminada como o espectro do Cristal do Tempo repartido em várias faces. O processo de constituição do sujeito está atrelado à ruptura da camada mais profunda do discurso, provocando a abertura de uma nova dimensão epistemológica da língua. Através de fragmentos episódicos exemplificados por nós e compostos por pronomes demonstrativos, vistos aqui como índices de uma porção prévia, desenvolvemos uma discussão em torno do aparelho formal da linguagem como construído dentro de uma coexistência temporal única e sensível. Os lapsos da memória de um locutor são revelados a partir da dinâmica intrínseca entre o presente linguístico e o passado imediato, repercutindo numa possível expansão das coordenadas espaço-temporais do sistema linguístico. A nossa intenção aqui, por fim, é a de apresentar conceptualizações que levem a crer numa suposição de deslocamento do ponto de referência, o Origo, repercutindo na translocação das próprias categorias linguísticas.

**Palavras-chave:** Translocação espaço-temporal. Benveniste. Enunciação.

**ABSTRACT:** The paper aims to reflect on the spatial and temporal translocation process mentioned in Émile Benveniste at the height of the statute of enunciation. Benveniste (1989) is the only linguist who was linked to the immersion of the subject in the so-called formal apparatus of enunciation. Saussure, in 1916, was not part of the epistemic construction of the formal apparatus of language. Our study is contained in the idea that the linguistic system, represented by the formal apparatus of language, contains a complex secondary temporal dimension, namely the aorist past. When Benveniste (1989), in Problems of General Linguistics II, assumed a "translocation" to the facts of language, he realized that the image of self is divided, contradicted, and disseminated as the Crystal of Time spectrum divided into various faces. The process of constitution of the subject is linked to the rupture of the deeper layer of discourse, causing the opening of a new epistemological dimension of language. Through episodic fragments exemplified by us and composed of demonstrative pronouns, seen here as indices of a previous portion, we develop a discussion around the formal apparatus of language as constructed within a unique and sensitive temporal coexistence. The lapses of a speaker's memory are revealed from the intrinsic dynamics between the linguistic present and the immediate past, reflecting a possible expansion of the spatiotemporal coordinates of the linguistic system. Our intention here, finally, is to present conceptualizations

that lead us to believe in an assumption of displacement of the reference point, the Origo, reflecting on the translocation of the linguistic categories themselves.

**Keywords:** Spatial and temporal translocation. Benveniste. Enunciation.

## Introdução

Em 1916, a figura de Ferdinand de Saussure foi essencial para compor uma epistemologia sujeita a designações condizentes à formulação de uma teoria estruturalista em torno da linguagem. Para tornar a linguística uma ciência dos signos, Saussure (2012) se utilizou do corte epistêmico caracterizado pelas dicotomias saussureanas como a mais conhecida: a língua **versus** a fala. No teor do auge do estruturalismo, Saussure (2012) além de tomar a língua como aparato científico, ele observou que os fatos de linguagem poderiam ser analisados dentro de um sistema linguístico. Mas, diante da evolução da linguística enquanto ciência, foi a figura de Émile Benveniste que esteve preocupada com os valores contidos no sujeito da linguagem. Segundo François Dosse (2007), Benveniste foi essencial por mostrar que o sistema linguístico devia tomar em consideração os fenômenos de enunciação.

O valor das enunciações questiona, portanto, a tese saussureana que identifica a atividade linguística e a iniciativa individual de introjetar o sujeito no âmago da linguagem. Ao contestar a subjetividade e de inseri-la na composição do sistema linguístico, Benveniste (1989) em **Problemas de Linguística Geral II** interroga sobre uma suposta “translocação espaço-temporal”. Na teoria desta “translocação”, Benveniste (1989) só foi até o ponto em que o presente linguístico não faz outra coisa senão explicitar o presente inerente à enunciação. Contudo, neste artigo, em especial, apresentamos este problema em torno da linguística da enunciação e desenvolvemos um ponto de vista em torno da concepção de que o locutor, representado pelo **eu**, exerce também um papel de transfigurador do presente linguístico, abrindo uma nova camada epistemológica no discurso. De acordo a esta perspectiva, o passado e o presente entrecruzam-se para formar uma nova dimensão temporal mais complexa, a do passado **aoristo**. Perceberemos este tipo de enunciação partindo-se de dois fragmentos episódicos criados por mim e compostos por pronomes demonstrativos. São, na verdade, estes pronomes que fazem com que o interlocutor observe o conjunto do discurso a partir de uma perspectiva transcendental, uma vez que objetos demonstrativamente designados fazem parte da dimensão do passado **aoristo**. O que acontece numa “translocação” e que poderemos observar é que os índices de uma

dada porção prévia estão encrustados nos signos dêiticos demonstrativos e são os índices destes signos os responsáveis por uma expansão das coordenadas espaço-temporais do discurso.

### **A ruptura do método estruturalista de Saussure por Benveniste**

No auge do estatuto da enunciação, o linguista Émile Benveniste, a exceção francesa segundo Dosse (2007), instituiu, no âmago da literatura linguística, a noção de sujeito. Benveniste (1989), em meados do século XIX, provocou, de acordo às predileções, uma ruptura na camada mais profunda do discurso, formando uma episteme única e indissociável da comunicação humana - a introspecção do sujeito nos estudos da linguagem. O estudo particular de Benveniste (1989) é uma “exceção” porque, à época, muitos dos linguistas estavam preocupados com outro tipo de investigação filosófica como vemos em Foucault (2008) e a historicização do sujeito numa descontinuidade imediata, em Pêcheux (2010) e a maquinaria discursiva do assujeitamento discursivo e, anteriormente, em Saussure (2012) e a condição dicotômica do sujeito dividido.

Benveniste (1989) é o único linguista que esteve atrelado à imersão do sujeito no chamado aparelho formal da enunciação. Saussure (2012), em 1916, não fez parte da construção epistêmica do aparelho formal da linguagem. O objetivo de Saussure (2012) foi o de tornar a língua uma parte integrante da ciência capaz de descrever, de forma dividida, as manifestações da linguagem. A ciência linguística só conhece o seu estatuto científico com a figura de Saussure. As suas dicotomias saussureanas são amplamente difundidas em todas as áreas das ciências humanas, sociais e biológicas. A única condição de o analista compreender um certo objeto teórico é dissociá-lo e transformá-lo numa categoria que contenha toda a potencialidade inerente ao corte epistêmico. Esta é, de antemão, a melhor forma de entender como uma categoria da língua pode ser dividida para entremear a função estilística da linguagem.

Como todo o linguista sabe, o aparato científico da linguagem é a língua, a língua em si mesma. Abrindo o século XIX, Saussure (2012) percebeu que a linguagem, por ser um fenômeno intrínseco, é capaz de assimilar muitos valores e conceitos que a própria ação humana não conseguiu lidar com eles. A linguagem só tem sentido graças à interferência do homem que, juntos, produzem uma teia de complexidade. O sujeito fala e, numa dada enunciação, escreve. Uma das dicotomias mais difundidas foi a fala **versus** a língua. A primeira possui um artefato característico

de espontaneidade do discurso, enquanto que a segunda diz respeito à hierarquização das normas linguísticas vigentes. Saussure (2012) toma a língua como objeto ao mesmo tempo empírico e abstrato, ou seja, nós temos relação com a língua concreta, assim como temos relação com a língua abstrata. A língua em si é dinâmica se pensarmos numa dissociação dos fenômenos heterogêneos da fala, e a língua em si é intacta se pensarmos na similitude dos aspectos subjacentes à interiorização do sistema linguístico.

Antes de Benveniste (1989) tornar o aparelho formal da linguagem mais dinâmico, Saussure (2012), em contrapartida, interrogou as condições potenciais da língua dentro de um sistema fechado em si mesmo. Saussure (2012) pensou que para tornar a língua um artefato passível de análise, é-se preciso dividi-la, dissociá-la, contrapô-la aos fenômenos inteiramente contidos da linguagem. É como dizer que a linguagem é uma associação maior e mais complexa, enquanto que a língua tem um teor mais pessoal, particular e acessível. Segundo Benveniste (1989, p. 47), a preocupação de Saussure é a de descobrir o princípio de unidade que domina a multiplicidade de aspectos inerentes à linguagem, ou seja, a redução da linguagem à língua satisfaz uma dupla condição: “ela permite colocar a língua como princípio de unidade e, ao mesmo tempo, encontrar o lugar da língua entre os fatos humanos”. Mas, o legado de Saussure (2012) continua na assimilação de Benveniste (1989) ao interrogar o modo dinâmico e particular da língua. O aparelho formal da enunciação instituído por Benveniste (1989) diz respeito a um sistema linguístico redimido às leis e parâmetros condizentes a uma sistematização de lexemas. O propósito de Benveniste (1989), neste aparelho, é o de tornar a língua mais maleável à transformação da comunicação humana.

Se há um sistema linguístico formado por leis e diretrizes, ou seja, a língua enquanto um artefato cientificamente delimitado, por outro lado, há um aparelho formal da linguagem que funciona segundo às potencialidades inerentes ao sistema linguístico. À luz dos estudos saussureanos, Benveniste (1989) adequou o sistema linguístico às condições humanas do sujeito. Benveniste (1989) costuma ser chamado de “a exceção francesa” por ampliar a noção de língua e de inserir ao aparelho as paixões do sujeito contrariado, disseminado e dividido. Inserindo as paixões do sujeito no âmago da língua, o aparelho formal da linguagem torna-se amplamente mais acessível para testemunhar as análises a ele atribuídas. O sujeito com suas distorções e ambiguidades. Em toda a literatura, a noção de sujeito é questionada, ora como

sujeito histórico, ora como sujeito linguístico. Benveniste (1989) observou que o legado da linguística não é somente o de dividi-la, de contrapô-la, mas de interrogá-la, de inseri-la dentro dos propósitos comunicativos. Se Saussure (2012) refez o itinerário da linguagem para realçar o poder científico da linguagem, Benveniste (1989), ao contrário, realocou o sujeito no sistema para revelar as nuances da condição epistêmica da linguagem.

Sobre Benveniste (1989), estamos nos tratando de uma subjetividade inerente à linguagem. Da condição subjetiva que toca o sistema linguístico e abre uma nova camada do discurso. À introspecção do sujeito no aparelho formal da enunciação, Benveniste (1989) denominou de modo actancial da linguagem. Para transformar a língua em um sistema mais dinâmico, foi-se preciso inserir três indivíduos linguísticos, a saber, a pessoa, o tempo e o espaço. A teoria da enunciação, então, diz respeito à associação destes três elementos no teor limítrofe do sistema linguístico. Benveniste (1989) viu a construção epistêmica da língua como um processo feito em si mesmo e criou o processo de enunciação. Enunciar significar dizer alguma coisa a alguém. Dentro deste processo, Jakobson (1975) já havia testemunhado uma adequação para este propósito de comunicação ao construir um circuito comunicativo em que envolve-se emissor, receptor, mensagem, canal e contexto. Porém, assim como Benveniste (1989), Jakobson (1975) não desenvolveu uma teoria da enunciação, pois a sua preocupação maior era a designação dos signos linguísticos dentro de um circuito comunicativo, levando em consideração a transmissão de uma mensagem codificada dentro de um contexto legítimo de configuração.

### **Benveniste e o problema da translocação espaço-temporal**

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que correspondem a um sistema abstrato descrito por suas funções, mas que não aparecem claramente senão quando se estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. No tocante à experiência subjetiva do sujeito, Benveniste (1989) apresenta, inicialmente, duas categorias fundamentais do discurso, a saber, a de pessoa e a de tempo. Segundo Benveniste (1989, p. 68), “todo homem se coloca em sua individualidade enquanto **eu** por oposição a **tu** e **ele**”. Este comportamento parece refletir, na realidade, uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. A introspecção do sujeito, em Benveniste (1989), aparece como aquele que fala referindo-se sempre pelo mesmo indicador **eu**. Este procedimento, na teoria da

enunciação, promove a inserção do locutor em um momento único do tempo e numa construção textual divergente de circunstâncias e de discursos. No discurso, toda a vez que o **eu** em oposição a um **tu** aparece, se instaura, na experiência humana, um dado novo, uma circunstância nova e uma reavaliação passível de nova significação. Mas, na ausência do discurso, o pronome **eu** não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto, nem a um conceito.

Das formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão encantadora quanto aquelas que exprimem a temporalidade do discurso. Estamos nos tratando de um tempo necessariamente linear, horizontal e objetivo que carrega em si a unidade do sistema linguístico. A objetividade da noção estilística do tempo se dá por conta da autenticidade das formas linguísticas que subjazem o aparato científico da linguagem: a língua. A propensão do discurso é a de ver, na língua, o espectro da realidade. As línguas nos oferecem senão representações únicas do real, elaborando um sistema temporal complexo capaz de refletir a unidade epistêmica do sujeito e assimilá-lo dentro de um quadro conceitual particular da linguagem. Segundo Gilles Deleuze (2007), a vida tem conteúdo conceptual graças à representação dos fatos de linguagem refletidas no Cristal do Tempo. Seguindo esta perspectiva, a temporalidade é demonstrada de modo transcendental que abrange as três instâncias do tempo: o presente, o passado e o futuro. Mas, na unidade epistemológica do discurso, a experiência subjetiva se dá no confronto entre as ações do passado e as ações do presente. O eixo de referência é transformado segundo o sistema temporal complexo de uso de uma subjetividade dêitica. De acordo com Benveniste (1989), temos o **Origo** que é o ponto axial de todo discurso, ou seja, a referência unânime, focal e intrínseca. Acima desta unidade interna do discurso, estão as representações actanciais que manobram os reflexos emitidos do Cristal do Tempo.

No tocante à teoria de Benveniste (1989), o presente linguístico se mostra como sendo o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente se desloca com a progressão do discurso constituindo o ponto focal entre os dois momentos da enunciação, a saber, o presente e o passado. No momento em que o acontecimento discursivo não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e é evocado pela memória. Como afirmamos anteriormente, a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal, o presente, contudo, como a língua assimila as unidades linguísticas a partir de um único eixo, o ponto axial, o que vem antes ou depois na tessitura do discurso não está no mesmo nível do tempo que

o presente linguístico. É possível ainda deslocar este ponto referencial a fim de o colocar no futuro e, mais, sobretudo, no passado. Neste sentido, é quando mencionamos para o debate o problema da “translocação espaço-temporal” nos estudos da linguagem. No artigo intitulado “a linguagem e a experiência humana”, Benveniste (1989) realoca este problema e o concebe dentro de uma noção condizente com estatuto da temporalidade transcendental. Vejamos, agora, a citação dele sobre o processo de “translocação”:

O que caracteriza as séries de designações de ordem intersubjetiva, como se vê, é que uma translocação espaço-temporal se torna necessária para objetivar os signos tais como “este”, “eu”, “agora”, que têm a cada vez um referente único na instância de discurso e somente ele. Esta transferência faz aparecer a diferença de planos entre os quais deslizam as mesmas formas linguísticas (BENVENISTE, 1989, p. 79).

Dentro desta concepção, Benveniste (1989) faz acreditar em um possível redimensionamento, no discurso, do sujeito que fala, do pronome demonstrativo que indica e da temporalidade que explicita. Isso quer dizer que, numa enunciação, por razões pragmáticas internas, o locutor, representado pelo **eu**, deve transportar a sua visão temporal para além dos limites indicados no sistema linguístico. Ou seja, a enunciação, enquanto processo, atinge um patamar de dissolução da dinâmica extraordinária do sujeito, bem como de uma temporalidade dissipada, o discurso sai de seu plano próprio de enunciação e adquire uma gradação momentânea e transformadora do discurso. Partindo desta ótica, o **eu** é reatualizado no sistema no momento em que se introduz pronomes demonstrativos, por exemplo, tais como “esse”, “este” e “aquele”. Além disso, o “agora” da enunciação também é transportado para uma dinâmica do discurso contingencial em que o chamado “presente linguístico” é questionado segundo às objeções da posição actancial do sujeito, resultando numa comunicação entre interlocutores além do real, do palpável. A unidade estilística do aparelho formal da linguagem adquire uma visão transcendental do discurso a partir de índices temporais e vertiginosamente demonstrativos. Isto normalmente forma, além do ponto axial da unidade temporal presente, um distanciamento do ponto de referência subjetiva. Esta conversão só é possível graças à imanência de signos linguísticos como os dêiticos da linguagem. É como se o **eu** apontasse para uma dimensão extraordinariamente diferente daquela suposta na unidade transparente do presente linguístico.

Nesta atmosfera de translocação espaço-temporal, o **eu** aparece como a extensão do presente linguístico. Então, pelo Cristal do Tempo, mencionado em Deleuze (2007), as pontas do presente se cristalizam e dão forma **sui generis** aos signos linguísticos emancipados pela língua. Dito de outro modo, o **aoristo**, o tempo no passado, é acoplado ao **Origo**, o tempo no presente. Estas duas instâncias modotemporais se unem e formam uma unidade de coexistência, a chamada simultaneidade dêitica. Os signos dêíticos apontam ora para o presente linguístico, único curso temporal da situação presente, ora para o tempo dissipado ou desmensurado, o curso temporal da situação passada. Esta forma de desmensurar o tempo compõe o processo de “translocação espaço-temporal”. O mesmo acontece com a espacialidade do discurso: o “lugar” que aporta o presente linguístico é a unidade estruturante do real, enquanto que o “lugar” que ocupa a dimensão do passado é a unidade estruturante do imaginário. Daí é possível falar em objetos ou entidades estanques à realidade concreta da linguagem. Ou seja, neste limiar, o pensamento, enquanto categoria analítica e epistêmica, adere a uma possível epistemologia do passado. O pensamento, por si só, se mostra como uma massa amorfa, vazia e sem sentido. Mas, no processo de enunciação, a referência a objetos invisíveis do campo dêitico concebe uma aderência perspectival em relação à instância do passado.

Benveniste (1989) interroga, supõe e apresenta esta tal “translocação espaço-temporal”, porém, não a desenvolve dentro de uma teoria epistemológica do uso no sistema da língua. Nosso propósito, então, é o de demonstrar como este processo de translocação é possível de se analisá-lo no auge do estatuto da enunciação. No que tange esta expansão do campo dêitico da linguagem, o locutor dispõe de signos linguísticos que podem representar outra instância discursiva que não seja aquela do presente linguístico. Nossa intenção aqui é o de desenvolver ou esboçar conceitos que levem a crer numa suposição de deslocamento do ponto de referência, o **Origo**. Trata-se, pois, de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. Porém, nossa dificuldade reside em questionar e apreender este grande fenômeno de “translocação”, tão banal, e que parece se confundir com a própria língua em seu uso. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação e deve-se considerá-la como o fato do locutor, o **eu**, que toma a língua por instrumento, ora concreto, ora abstrato. A nossa enunciação se caracteriza como através de um ato individual, ou seja, da imersão do **eu** na



composição do campo semântico da língua, pois o que dá sentido a ela é a própria interferência do sujeito. Este sujeito, no campo científico da linguagem, é dividido, contrariado e dissimétrico. Cabe ao interlocutor interagir com o que é dado no sistema linguístico, contrapondo qual espécime de sujeito advém da linguagem e qual espécime de sujeito advém do pensamento.

O locutor se apropria do aparelho formal da linguagem e enuncia sua posição de locutor por intermédio de índices específicos. Carlo Ginzburg (1989) em **Sinais: raízes de um paradigma indiciário** discute sobre essa questão dos traços negligenciados das artes plásticas por parte do observador. Segundo este autor, a imagem mental do homem agachado na lama é uma forma de indício de que ele provavelmente, em um algum intervalo de tempo de sua vida, estaria ali agachado na lama. Isso se leva em discussão por conta das pistas deixadas na lama, dos vestígios que sobrevivem mesmo com a força do tempo. Charles Peirce (1977), pai da semiótica, designou três elementos na estruturação dos signos linguísticos, são eles: o **ícone**, o **símbolo** e o **índice**. Destes três elementos, o terceiro, o **índice**, diz respeito à unidade estruturante do vivido, ou seja, está relacionado à experiência prévia e/ou ao arquivo mental do locutor.

Cada índice, na estrutura do sistema linguístico, une duas porções de experiência, fazendo parte do conjunto de elementos não-linguísticos. Além destas características, um índice normalmente é de difícil compreensão, uma vez que não está aparentemente visível no sistema sintagmático da língua e, por conta da natureza ostensiva de seu uso, só são “formuláveis” na equiparação com a realidade concreta da enunciação. Na atividade pictórica, por exemplo, os índices são elementos linguísticos por excelência, pois ajudam o observador da obra-prima a formular objeções com base nos traços negligenciados, isto é, com base nos sinais inerentes à realidade estilística da obra em que se está analisando. O observador e especialista em artes plásticas não tem, em suas mãos, nenhum objeto físico e empírico que satisfaça o seu desempenho no processo analítico da obra-prima. Mas, embora não haja nenhum vestígio aparente que possa construir uma simetria coerente de unidades semânticas sobre a história literária da obra em questão, há traços minimamente estruturantes que são “palpáveis” por intermédio da força do pensamento.

De mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação, os índices de ostensão (“este”, “agora”, “aqui”) são signos que implicam um gesto no

sistema perceptual da língua que designa o objeto visível e, ao mesmo tempo, invisível. Embora na tessitura e construção de uma obra-prima, o analista só tenha em seu suporte os índices para algum modo da organização subjetiva da linguagem ali representada, contudo, na língua, o uso dos índices para compreensão do sistema linguístico é bem diferente. De acordo ao problema de “translocação espaço-temporal” mencionado em Benveniste (1989), na língua, a referência a signos demonstrativos é parte integrante da enunciação. Segundo este linguista, “as formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”, “demonstrativos”, aparecem, agora, como uma classe de “indivíduos linguísticos” (BENVENISTE, 1989, p. 85). Ou seja, a classe linguística particular dos pronomes demonstrativos são formas *sui generis* pertencentes a “indivíduos”. Eles, os demonstrativos, aparecem, no aparelho formal da linguagem, como índices suscetíveis à designação de seu estado próprio de transformação radical dos sentidos. Isto diz respeito a uma enunciação constituída por um paradigma transcendental das formas temporais, espaciais, como também, subjetivas. Neste limite, poder-se-ia supor que a temporalidade no discurso seria um quadro inato do pensamento, muito embora ela seja produzida, na verdade, na e pela enunciação. Na teoria da “translocação”, Benveniste (1989) só foi até o ponto em que o presente linguístico não faz outra coisa senão explicitar o presente inerente à enunciação. Porém, este quadro de questionamento se renova dada à produção do discurso a partir de um presente “translocado”. O que torna o presente linguístico da enunciação copresente, substancial e extensivo é a assimilação dos pronomes demonstrativos enquanto índices de ostensão.

Os demonstrativos, na língua, possuem uma natureza particularmente ostensiva como Santos (2016) demonstrou. Isso quer dizer que estes pronomes funcionam e se significam a partir dos índices encrustados em suas próprias palavras de ordem substantiva. Quando o locutor, numa dada enunciação, enuncia o sintagma nominal “aquele horror”, o uso do demonstrativo faz o locutor apontar para uma atmosfera, em primeira instância, desconhecida do interlocutor, mas, ao mesmo tempo, conhecida pelo locutor. Conhecida porque supõe-se que o locutor, num dado momento da enunciação, vivenciou determinado episódio que o fez recuperar uma instância do passado causada pelo horror. Na teoria da enunciação, o **eu**, neste exemplo, está e não está no plano propriamente presente do evento aterrorizante. É possível mencionar que o locutor, nesta enunciação, parte do ponto axial do discurso, o **Origo**, mas o uso do demonstrativo “aquele” faz apontar para outra dimensão

discursiva que não é aquela do presente linguístico. Isto só pode ser testemunhado, no curso da língua, graças ao fenômeno de “translocação espaço-temporal” que faz crer numa possibilidade de deslocamento do eixo de referência axial. Ou seja, o locutor, através do uso de um demonstrativo, propõe, para o interlocutor, uma nova camada do discurso, aquela do passado **aoristo**. É como se dentro do próprio plano de enunciação da língua coexistisse outro plano de enunciação. Passado e presente se entrecruzam para formar uma imagem coalescente opaca e sensível. Esta imagem se apresenta como o espectro translúcido do presente imediato.

Exemplificando, vamos supor que a enunciação em “aquele horror fez-me crer no meu passado” imprime na consciência humana a sensação de uma continuidade que começa no presente linguístico e termina ou se sujeita a terminar no passado **aoristo**. Segundo Benveniste (1989, p. 86), “continuidade e temporalidade se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais”. Ou seja, como forma de discurso, o processo de enunciação coloca duas dimensões igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. Naquele exemplo ilustrado, a única referência explícita é a presença física, digamos assim, do pronome demonstrativo “aquele”, mas, é este mesmo pronome demonstrativo que cristaliza o presente e faz a dinâmica do discurso apontar e acontecer numa atmosfera transcendental diferente do curso temporal imediato. É válido lembrar que este acontecimento discursivo depende imensamente do processo de enunciação, uma vez que, sem este, não seria possível a “translocação espaço-temporal” do signo linguístico. A presença do pronome demonstrativo é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do **eu** translocado. Aqui, a língua depende daquilo que acontece na situação passada e parece estar sujeita a qualquer contexto de situação.

O sentido do enunciado exemplificado por mim: “aquele horror fez-me crer no meu passado” pode estar ligado à visão multidimensional do locutor, ou seja, para aonde este olha e aponta. Neste enunciado, a situação exterior participa diretamente do processo de enunciação, as porções prévias são evocadas a partir de um arquivo mental do locutor proveniente não da própria linguagem, mas do pensamento. O francês François Récanati (2013), no artigo intitulado **Perceptual Concepts: in defence of the indexical model**, formulou uma reflexão semelhante em torno dos signos indexicais provenientes do pensamento. Este linguista chega a designar o

termo “pensamento indexical” (*indexical thought*) para a referência dêitica dos elementos demonstrativos de ostensão. Segundo Récanati (2013), há uma relação contextual única entre o pronome demonstrativo e o arquivo mental do locutor. O entendimento desta relação entre a unidade linguística de uso do indexical e a unidade estruturante do pensamento do locutor forma uma linha de convergência sumária para identificar os elementos não-visíveis na língua pelo interlocutor. De fato, nós expressamos pensamentos indexicais segundo o filósofo da linguagem François Récanati. Os conceitos indexicais (*indexical concepts*) são arquivos mentais de natureza ostensiva que têm a função de produzir uma informação derivada do pensamento.

O pronome demonstrativo tal como o arquivo mental “aquele horror fez-me crer no meu passado” é baseado numa certa relação contextual com os objetos espaciais, em virtude dos quais, não podemos apenas percebê-los, mas também focar nossa atenção sobre eles, dentro de uma certa dinâmica de relações espaço-temporais. Mas, quando, de fato, o locutor não se encontra em posição de perceber ou de focar a sua atenção sobre o objeto espacial, de acordo com Récanati (2013), é possível pensar o objeto dentro de um modo de apresentação demonstrativa, o qual depende de uma relação demonstrativa apropriada. Se, nestes casos, o **eu** não está em condições de perceber fisicamente o objeto, uma outra relação é constituída em virtude da qual o **eu** lembra o objeto espacial. É o que acontece no exemplo “aquele horror...”. Primeiro que o locutor não participa da enunciação diretamente, ao contrário, ele apenas supõe um sistema perceptual de contato físico com o objeto visualmente e a sua presença é de um modo secundária. Segundo, porque este enunciado é um exemplo comum de imagem mental, esta característica de ser uma imagem mental é própria do uso do demonstrativo “aquele”. Se caso o locutor tivesse usado outro pronome demonstrativo como “este”, estávamos não nos tratando de uma imagem mental, mas sim de uma sentença gramatical comum. Nesta perspectiva, com base em Récanati (2013), todo o elemento demonstrativo surge em um dado enunciado a partir de um modo de apresentação de segunda ordem, ou seja, a partir da imaginação visual e, não necessariamente, por intermédio de uma percepção situada.

Vamos supor, agora, o seguinte enunciado: “aquela estação ficava ali”. Neste caso em particular, o signo dêitico demonstrativo exerce um papel de transfigurador do presente linguístico, realçando uma atmosfera fictícia da fantasia construtiva. O

locutor propõe-se, na enunciação, apontar para um espaço fantasmático o qual não existe no tempo presente. O processo de “translocação” ocorre no momento em que o locutor se utiliza de um demonstrativo para revelar o estado de coisas do objeto designado como “aquela estação”. Vejam, que, o uso de “aquela”, não representa somente a distância do ponto **Origo**, o ponto axial em que se encontra o locutor da enunciação, mas o redimensionamento do “local” em que a enunciação ocorre. Partindo-se de suas experiências anteriores com “aquela estação”, o locutor percebe que, no espaço perceptivo, “aquela estação” não mais faz parte de seu contexto situacional, porque ela, a estação, não está presente fisicamente. Mas, uma das funções do demonstrativo é a de evocar a instância passada e fazer-se deslizar em suas operações perceptuais, deslocando o ponto fixo das encruzilhadas dêiticas para o passado **oristo**. O **eu**, portanto, fica dividido, disseminado em um “campo” que ora aponta para a presente instância do discurso, ora aponta para um passado imediato. O registro episódico desta proposição salienta a importância de se levar em consideração a ruptura da camada subterrânea do discurso provocada pelo uso de complexos pronomes demonstrativos.

O interessante a notar é que o uso na enunciação de “aquela estação” é recuperado pela memória retrospectiva do locutor, mostrando a sua revivescência com aquele objeto. Ou seja, a tal “estação” não se encontra no limite espacial do discurso, ele, o locutor, apenas utilizou esta expressão linguística para evocar o passado nostálgico, demonstrando que nem sempre os signos dêiticos sinalizam a ocorrência linguística tal como ela se apresenta. Neste caso, a memória se apresenta ao interlocutor como um baú em que é preciso escavar a sua superfície escura, profunda e tenebrosa para resgatar as experiências mais fantásticas do locutor que podem servir de pistas contextuais para inferir que aquele momento do discurso é único, intransferível e sublime.

## **Conclusão**

Benveniste foi uma das figuras da literatura linguística que emergiu do estruturalismo propriamente dito e transcreveu acerca da subjetividade na experiência humana dos fatos de linguagem. Segundo Dosse (2007, p. 64), “a importância de Benveniste resulta, sobretudo, do fato de ter reintroduzido o recalcado no âmago da preocupação linguística: o sujeito, por sua abordagem enunciativa”. Ele, Benveniste, foi essencial ao mostrar que o sistema linguístico, sem deixar de constituir um sistema,

devia tomar em consideração os fenômenos da enunciação. Conforme o próprio Benveniste (1989) menciona “é na linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque somente a linguagem alicerça na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”.

Neste artigo, interrogamos acerca do tratamento da subjetividade no estudo da linguagem e discutimos acerca do problema da “translocação espaço-temporal” mencionado em Benveniste (1989) no auge do estatuto da enunciação. Percebemos que este é um processo complexo, mas é de suma importância desenvolvê-lo dentro de um novo quadro epistemológico. Este foi um dos nossos desafios: inserir o sujeito no âmago da linguística e de questioná-lo em contraponto à emergência da temporalidade no discurso. Percebemos que, dentre os pronomes da língua, os pronomes demonstrativos são os que caracterizam os modos de composição da experiência subjetiva também do passado, não tão somente do presente. Na instância do presente, o pronome demonstrativo exerce papel de localizador espacial, enquanto que, na instância do passado, exerce papel de transfigurador do presente. É com esta função de transfigurador do presente que reside a inovação de nosso estudo, desenvolvendo uma teoria da enunciação que redimensiona a condição do sujeito no aparelho formal da linguagem.

## Referências

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DOSSE, F. **Benveniste**: a exceção francesa. In: DOSSE, F. História do estruturalismo. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru/SP: EDUSC, 2007, p. 63-76.

GINZBURG, C. **Sinais**: raízes de um paradigma indiciário In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 154-175.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

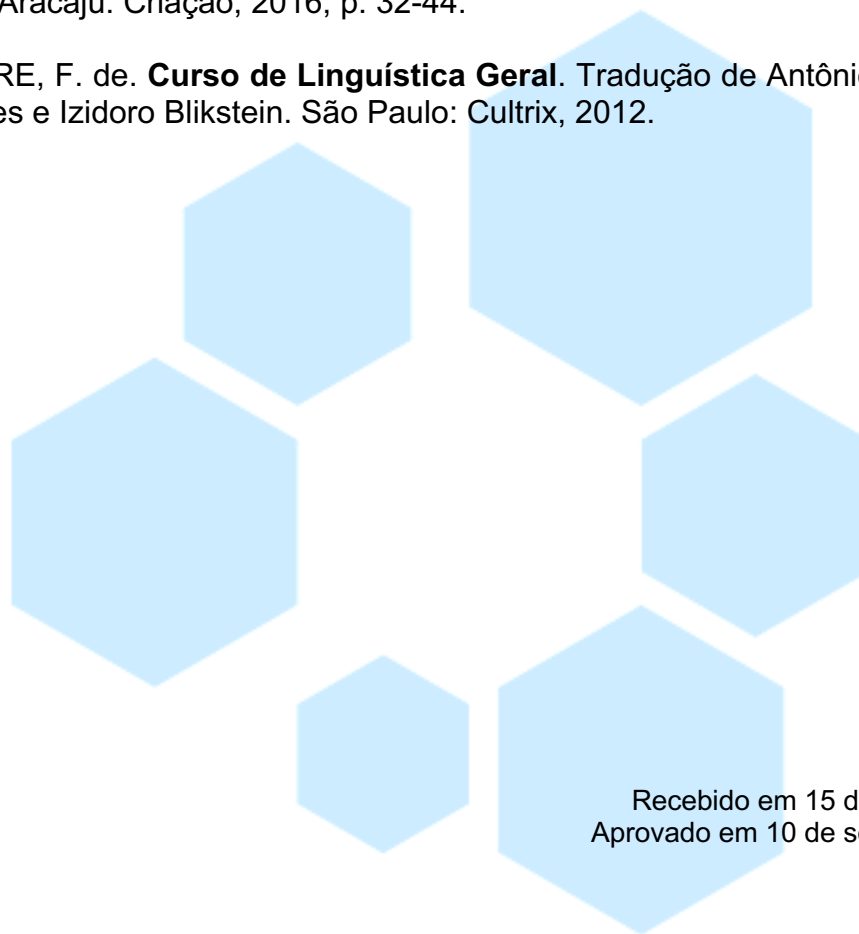
PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RECANATI, F. Concepts perceptual: in defence of the model indexical. In: **Synthese**, v.1, p. 1841-1855.

SANTOS, C. C. C. **Paradigma indiciário do elemento demonstrativo de ostensão**. In: LIMA, G. O. S.; REIS, M. da S. (Org.) Linguística e Literatura: confluências e desafios. Aracaju: Criação, 2016, p. 32-44.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.



Recebido em 15 de março de 2019  
Aprovado em 10 de setembro de 2019